

LITERATURA E ESPAÇO:
BLAISE CENDRARS E O ELOGIO DOS TRÓPICOS

*Maria Luíza Berwanger da Silva**

RESUMO

Esta reflexão analisa a presença francesa do poeta Blaise Cendrars no Modernismo Brasileiro, sobretudo no que tange ao diálogo singular que Mário de Andrade estabelece com esse poeta, uma relação paradoxal de negação confessa e de aceitação tácita, mas cujos traços textuais assinalam a produtiva presença de Blaise Cendrars entre os poetas representativos do Modernismo nacional. Este estudo se propõe a enfatizar o conjunto de imagens e de símbolos captados no Outro visto como voz longínqua que decanta o lirismo brasileiro.

Palavras-chave: poesia brasileira, Modernismo, alteridade, tropicalismo, fábula do lugar, poesia francesa.

RÉSUMÉ

Cette réflexion examine la présence française du poète Blaise Cendrars dans le Modernisme Brésilien, surtout en ce qui concerne le dialogue singulier que Mário de Andrade établit avec ce poète, rapport paradoxal de refus avoué et d'acceptation inavouée mais dont les traces textuelles démarquent la fréquentation productive de Blaise Cendrars par des poètes représentatifs du Modernisme national. Cette étude se propose à souligner l'ensemble d'images et de symboles captés de l'Autre considéré comme voix lointaine qui décante le lyrisme brésilien.

Mots-cléf: poésie brésilien, Modernisme, altérité, tropicalisme, fable du lieu, poésie française.

* Professora Doutora de Literatura Francesa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mlsilva@portoweb.com.br

1 PALAVRAS À MARGEM

A distância, busco uma forma de honrar o convite que me foi feito para participar do presente evento¹. De certo modo, parece-me a distância favorecer a pesquisa insistente que desenvolvo, (e em que insisto) sobre a produtividade das relações Literatura/Espaço para uma abordagem comparatista.

Refiro-me a certas publicações no âmbito da Teoria Literária de procedência francesa e que a Teoria da Literatura Comparada incorporou com a pulsão das interseções críticas que justamente teóricos como Gaston Bachelard (*Poética do espaço*), Maurice Blanchot (*O espaço literário*) e Gérard Genette (toda a reflexão unísona desde *Figuras* até seu último *Figuras* de 2000) proporcionaram ao olhar comparatista.

Rememoro vozes que, traduzidas, modulam, decantando, a reflexão teórico-crítica brasileira. Aos estudiosos e pesquisadores da área que brindamos nesse evento, o louvor de efetuar a passagem do *espaço da página teorizada* (desde o *Golpe de dados* de Mallarmé sublinhado nos teóricos evocados) à *especialização da produção literária* como imagem artística e cultural. No fundo desse trânsito, a consciência da passagem como busca de constante relocalização e disseminação a campos outros do saber, artísticos e não-artísticos, imprime na investigação comparatista o prazer do provisório e do inconcluso, lazer interior com que se premia o aprendiz, o eterno aprendiz em Literatura Comparada.

Quero concretizar nessa poetização do espaço ou espacialização, no cerne das inquietações que nos animam hoje, quando a Literatura Comparada adentra-se, infatigavelmente, em territórios de novos paradigmas, esses interdisciplinares ritmados pelas vertigens do global e do virtual; quero acrescentar a essa fisionomia do literário espacializado o simbolismo das pequenas presenças. Conjunto de fios, sinais, traços quase imperceptíveis na textualidade, a percepção das representações da Alteridade faz-se definitiva para toda prática de leitura simbólica, sob uma ótica comparatista. Refiro-me à poeticidade das figuras do Outro e da Alteridade, na base desse espaço literário, artístico e cultural que, na etapa atual do pensamento teórico-crítico em Literatura Comparada, não se ajusta ao olhar que o identifica das margens e, sobretudo, do espaço intervalar ou do entre-lugar.

¹ A primeira versão deste texto foi apresentada no Colloque Mirada del Otro, Mirada sobre el Otro no Museo Roca em Buenos Aires, Argentina, de 26 a 29 de agosto de 2000, organizado pela Unesco, pela Universidade de Buenos Aires (Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia e Letras) e pela Association Internationale de Littérature Comparée (Paris III, Sorbonne Nouvelle).

A distância, pois, e pela distância, encontro no poeta francês Blaise Cendrars (que incursionou pelo menos três vezes no Brasil) essa polifonia do espaço: sua produção, ao filtrar do Cendrars o que intitulara a *dança das paisagens*, antecipa o ingresso da produção poética brasileira na diversidade cultural identificadora da arte nacional, hoje.

2 PALAVRAS TEXTUAIS

*Le Brésil est ma deuxième patrie, du moins spirituellement.*²

Buscar o novo para decifrar a sedução do lirismo tropical e, desse modo, recartografar a paisagem poética brasileira, sem lhe retrair a singularidade, eis, em síntese, o magnetismo que a imagem retida do Brasil, por Blaise Cendrars, disseminará sobre a *inteligência literária*. “Temos muito a aprender com Cendrars, poeta do mundo”, confessará Mário de Andrade em texto periodístico de 1929; do mesmo modo dirá Manuel Bandeira em artigo do *Jornal do Brasil* em 1961, em gesto que, ao fazer o inventário do receção crítica desse estrangeiro, acentua-lhe a fisionomia do poeta transgressor: Cendrars era um possuído da vida moderna. ‘L’Univers me déborde’, escreveu ele na Prose du Transibérien. Essa confissão o definia (p.26).

Pacto de amizade e identidade compartilhada (no sentido de Maurice Blanchot, 1971, p. 326), reinvencão mítica e redescoberta do cotidiano constituem algumas das representações da espontaneidade com que Blaise Cendrars se inscreve no projeto modernista de reconstrução nacional (artístico e cultural). Segundo Roger Bastide, em Poetas do Brasil, inclina-se Blaise Cendrars a “[...] aproximar as nações, misturar os homens, abolir as fronteiras, de maneira a descobrir a unidade indivisível” (BASTIDE, s.d., p.130), reafirmando, desse modo, o traço do tropicalismo já entrevisto por Ferdinand Denis e que Bastide sintetiza de modo exemplar:

O que Denis apenas entreviu, quando quis mostrar a influência do clima tropical sobre a literatura brasileira, um Durtain, um Cendrars, mesmo um Claudel vão realizar. Esses mascates da poesia trocarão na Praça Onze do Rio, e na Bolsa de Café de São Paulo, as modernas tendências da literatura francesa com os frutos dos Trópicos, misturando seu mel e seu suco, seu gosto de açúcar e de terebentina, à poesia de sua terra (ibid., p.131).

² “O Brasil é minha segunda pátria, ao menos espiritualmente”. (CENDRARS, Blaise)

Congrega-se, portanto, em Blaise Cendrars, a busca do novo com a própria imagem da tradição literária francesa de que o poeta se faz um porta-voz às avessas. Sob as palavras de Bastide, “[...] A isso que chamo um tropicalismo novo, não um tropicalismo de plantas exuberantes, mas de imagens interiores e de sentimentos confusos, a lama da terra que ainda não secou do dilúvio [...]” (ibid., p. 147), a revitalização do exotismo pela memória legítima o projeto duplo de Blaise Cendrars: o de renovar a poesia francesa pela incorporação da paisagem mesclada e o de transfigurar o localismo brasileiro, reacendendo-lhe cores, matizes e efeitos, que harmonizam, em Mário de Andrade, a figura aparentemente paradoxal do trovador (*Sou um tupi tangendo um alaúde*) com a do poeta multifacetado (*Eu sou trezentos, sou trezentos e cincoenta, mas um dia afinal eu toparei comigo [...]*), inflexão, talvez, da voz do Outro tanto menos imposta, tanto mais buscada no silêncio e na intimidade do desejo de deslocamento.

Diálogos insinuam-se nesse entretecer de imagens trocadas entre os poetas-críticos viajantes. Neles, o desejo da errância e a consequente fragmentação do eu configuram o espaço da viagem, como se fora esse distante e, por isso mesmo, infinito e impulsional do constante redesenhar da paisagem poética. À margem da *Correspondência* trocada entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade, notas críticas reabilitam a figura do poeta brasileiro como a do *anti-viajante*, aproximando-o do prazer da migração sorvido do *bourlinguer* Blaise Cendrars. Diz Mário de Andrade em um poema disperso na revista *Klaxon* (dez. 1922):

Eu sou o poeta das viagens de bonde!
Explorador em busca de aventuras urbanas!
Cendrars viajou o universo vendo a dança das paisagens...
Viajei em todos os bondes de Paulicéia
e penetrei o segredo das casas baixas...
Conheço todos os enfeites das salas de visitas!
Tenho a erudição das toalhas crespas de crochê, sobre
o mármore das mesinhas e no recosto dos sofás,
Sei de cor milhares de litografias e oleografuras. (MORAES,
Correspondência, op. cit., p. 91)

Modulada pela *dança das paisagens*, a poética da distância recolhe do estudo de Jean Bessière sobre Blaise Cendrars, intitulado Cendrars: *lieux et frontières*: *La fable des lieux suppose que ce lieu-ci se dédouble en son dedans et son dehors et que l'autre lieu se multiplie suivant ce dehors et d'autres dedans* (BESSIÈRE, 1999, p. 12), a relação do imaginário das viagens com a fábula do lugar reinventado, demarcando o deslocamento ao Outro pelo

itinerário da transgressão: *La transition est l'acte du poète; le lieu ne prend sens que par cette transition* (ibid., p. 124). Dito de outro modo: desdobrado, todo lugar faz-se paisagem disseminada em que o lugar nomeado insinua o esboço de um não-lugar, redesenho e multiplicação que o eu capta desse lirismo reinventado. Nas palavras do crítico antilhano Édouard Glissant, em *Traité du Tout-Monde*:

Parcourons la géographie ainsi nouvellement établie, qui n'est plus seulement cette proie des découvreurs et des conquérants mais le tendre lieu de l'amant et de l'aimante... l'interjection de la souffrance et de la joie, qui surajoutent au réel... Cette géographie du poète annonce le partage et la relation. (GLISSANT, 1997, p. 188)

Em ensaio nuclear sobre Blaise Cendrars, na *Revista do Brasil* (março de 1924), Mário de Andrade antecipa-se a essa representação do lugar, como memória e multiplicação: condensa no *lirismo puro* o legado maior do poeta francês à poesia brasileira. Revigorada, a subjetividade decanta-se pelo Outro, decanta o Outro, traduzindo a lição do poeta-viajante como a do aprendizado da mescla, da impureza e da mistura. Lê-se em Mário de Andrade:

Blaise Cendrars explodiu de madrugada em nós. A dolorosa lição dos *19 Poèmes Élastiques* se avolumava dentro de nós como incontestável e provocava em mim as anotações líricas da intenção de poemas que estão em Losango cáqui. (ANDRADE, 2000, p. 90)

No rastro dessa *presença confessa*, em *Losango cáqui*, ordem e desordem, centramento e descentramento, subversão e retorno à regra transfigurada, logo a uma outra ordem, sintetizam-se nos versos de Mário de Andrade:

Faça de seu espírito uma marcha de soldado
Das suas sensações um vôo de andorinha. (ANDRADE, *Poesias completas*, p. 136)

A imagem da Paulicéia Desvairada, rememorada nesse conjunto de versos, *recostada no espigão do horizonte* (ibid., p. 138), *passagem do Equador* (ibid., p. 139), aponta para a modelização que a prática poética captada de Blaise Cendrars incorpora à poesia de Mário de Andrade; compõe-se de uma certa paisagem da neutralidade, de uma certa indeterminação do lugar que a poesia Ma Danse (*19 Poèmes Élastiques*) registra de modo exemplar: *Va et vient continuel / vagabondage spatial / tous les hommes, tous les pays / C'est*

ainsi que tu n'es plus à charge / tu ne te fais plus sentir (CENDRARS, 1967, p.81). Desse modo, Blaise Cendrars esclarece para Mário de Andrade (e para todo o Modernismo) a configuração da poesia como jogo: *La poésie est un jeu* (ibid., p.97), efeito lúdico no qual a progressiva diluição da subjetividade e do espaço, intermediada pela associação da poesia com a pintura, conforma uma visão outra da captação do real:

De la couleur, de la couleur et des couleurs...

.....

La peinture devient cette chose énorme qui bouge ... (Ibid., p. 40)

A poesia de Mário de Andrade filtra do lirismo de Blaise Cendrars essa transfiguração do local que completa a descrição no orgulho de ser *paulistanamente*, prazer do vasto e do indizível a que Mário agrega o da totalidade cultural. Segundo confessa no artigo da *Revista do Brasil* de 1924:

[...] Amo sobretudo, da poesia viva de França, Blaise Cendrars porque o mais rico de benefícios para mim. Ele me libertou da incompreensão do passado. Livrou-me do ritmo impessoal, dando-me não o seu, mas o meu ritmo, tão diferentes estes. Descobriu para mim as puras nascentes do lirismo, muito mais que escritos de estetas e experiências de laboratórios. Porque sempre foi caminhar estrada mais certa, em vez de cartas geográficas, ter um sarado e sacudido companheiro de viagem... E, poeta francês, libertou-me da França. (ANDRADE, 1924, p.222)

Figura singular essa que a transparência de Blaise Cendrars imprime na poesia brasileira: acrescenta ao imaginário de Pasárgada, lugar paradisíaco e único, o desdobramento em não-lugar ou lugar de todos os lugares, legitimando-se na teoria da Literatura Comparada hoje. No que se refere a esse aspecto, a afirmação de Jean Bessière de que *todo lugar é lugar de outro lugar, faz-se paralela às Múltiplas moradas de Cláudio Guillén*, nas quais *todo existe dentro de la multiplicidad transpersonal*, incidindo na paisagem *donde el hombre es aparentemente invisible*, mas cuja síntese original entre *espíritu invasor y naturaleza ... há propiciado nuevas imágenes configuradoras* (GUILLÉN, 1998, p.176, 164, 163).

Na base desse diálogo, o conceito de paisagem produtiva, extraído de um *texto recobrado* de Borges, entrelaça a reflexão dos dois teóricos comparatistas, ao dizer:

El paisaje – como todas las cosas en sí – no es absolutamente nada. La palabra paisaje es la condecoración verbal que otorgamos a la visualidad

que nos rodea, quando ésta nos há untado con cualquier barniz conocido de la literatura ... Lo bello es lo espontáneo... lo marginal es lo más bello. (BORGES, 1997, p.100-101)

Nessa trilha sulcada pela memória da leitura, em Cendrars, os versos que celebram em Appolinaire a imagem do multicultural, *Des petits Français, moitié anglais, moitié nègre, moitié russe, un peu belge, italien, thèque ... Ils ont tous quelque chose d'étranger et sont pourtant bien de chez nous ... Et ils parlent tous la langue d'Appolinaire* (ibid., p.104), aproximam o simbolismo do lugar reinventado à imagem da diversidade cultural; percebem, ao mesmo tempo, no poema *Carnaval carioca* de Mário de Andrade, esse constante aflorar das figuras do Outro como expressão da escritura transgressiva:

Carnaval...

A baiana se foi na religião do Carnaval,
como quem cumpre uma promessa

Todos cumprem suas promessas de gozar:

Ingleses evadidos da pruderie,

Argentinos mascarando a admiração ...

Polacos de indiscutível índole nagô.

Yankees fantasiados de norte-americanos...

.....

[Mas] Tem outra raça ainda

.....

E mesmo... Eu mesmo, Carnaval

Eu te levava uns olhos novos

Pra serem lapidados em mil sensações bonitas

.....

É que sou poeta

.....

Sou o compasso que une todos os compassos

E com a magia de meus versos

.....

Fixando os ecos e as miragens

Eu celestizo em eurtímias soberanas

Oh! Encantamento da Poesia Imortal.

(ANDRADE, 1924, p.165-166)

No fundo, tanto Blaise Cendrars quanto o poeta-crítico brasileiro Mário de Andrade cumprem a dança da paisagem: um e outro nem presença nem ausência do eu, mas tom, mescla, matiz, diluição persistente que mostra e relembra, a cada momento, a passagem da linha; sem, contudo, apagá-la completamente,

reacendem-se nos versos de louvor ao Cruzeiro do Sul: *La Croix du Sud plus prodigieuse à chaque pas que l'on fait vers elle émergent de l'ancien continent, sur son nouveau continent* (O Cruzeiro do Sul mais prodigioso a cada passo dado em sua direção emergente e transitando do antigo para o novo continente). Errância ou *poética das relações* que a espacialização figurada concede à teoria da Literatura Comparada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. Blaise Cendrars. *Revista do Brasil*, São Paulo: Monteiro Lobato e C. Ed., v. XXV, p.214-223, jan./abr. 1924.
- . Losango cáqui. In: — . *Poesias completas*. São Paulo: EDUSP, [s.d.].
- . *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, [s.d.].
- BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: Guaíra, [s.d.] p.127-148.
- BEHAR, Lisa Block de. Miranda et le Spectre du Regard Critique. *Revue Dédale*, Paris: Maisonneuve et Larose, n. 5-6, 1997.
- BESSIÈRE, Jean. Cendrars: Lieux et Frontières. In: CHEFDOR, Monique (Org.). *La fable du lieu*. Paris: Champion, p.11-32, 1999.
- BLAISE CENDRARS ETC ... ETC ... (Um livro 100% brasileiro). São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- CENDRARS, Blaise. 19 Poèmes élastiques. In: *Poésies complètes* (1912-1924). Paris: Gallimard, 1967.
- GLISSANT, Édouard. *Traité du tout monde. Poétique IV*. Paris: Gallimard, 1997.
- GUILLÉN, Cláudio. *Múltiplas moradas: ensayo de literatura comparada*. Barcelona: Tusquets, p.98-175, 1998.
- KADOMA, Maria (Org.). *Jorge Luís Borges: textos recobrados* (1919-1929). Barcelona: Emecé, 1997.
- MORAES, Marcos Antônio. *Correspondência de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RICHARD, Hugues. *Dites-nous Monsieur Blaise Cendrars*. Lousanne: Editions Rencontre, 1969. p.132.